

O RESSENTIMENTO ENQUANTO DOENÇA EM NIETZSCHE

Igor Alysson Lemos Pinto¹

RESUMO: Este artigo prioriza uma análise nas áreas da psicologia e da moral sobre a questão do ressentimento enquanto doença em Nietzsche. Para esse estudo a *Genealogia da moral* é a obra fundamental do filósofo, nessa questão, portanto, é a partir dela que muito dessa pesquisa está fundamentada. É importante destacar que o filósofo francês Gilles Deleuze é um grande aliado nessa presente pesquisa via sua obra *Nietzsche e a filosofia*. Então, o interesse aqui é de realizar uma abordagem sobre como é construída uma moral nas bases do ressentimento e como ela se manifesta, indicando a fisiologia e os aspectos psicológicos que estão envolvidos nessa relação, tratando da tipologia do ressentimento e suas atribuições.

PALAVRAS-CHAVE: Ressentimento. Moral. Doença. Vingança.

ABSTRACT: This article prioritizes an analysis in the areas of psychology and morals on the issue of resentment as a disease in Nietzsche. For this study, the Genealogy of Morals is the fundamental work of the philosopher, in this question; therefore, it is from it that much of this research is grounded. It is important to highlight that the French philosopher Gilles Deleuze is a great ally in this present research via his work Nietzsche and philosophy. So, the interest here is to carry out an approach on how a moral is built on the basis of resentment and how it manifests itself, indicating the physiology and psychological aspects that are involved in this relationship, dealing with the typology of resentment and its attributions.

KEYWORDS: Resentment. Morals. Disease. Revenge.

¹ Bacharel em Filosofia (UECE). E-Mail: igorpintoo@gmail.com.

Nietzsche vê no ressentimento uma inversão do olhar apreciador. Enquanto o senhor afirma a si mesmo que é “bom” e sem querer ou se importar de ser chamado assim, agindo e gozando de tal maneira, sendo a negação apenas contraste de sua própria afirmação, ou seja, enquanto cria realmente valores e estes valores partem dele, ele é a fonte dos valores, ele se diz, nomeia-se e avalia de acordo com seus valores. Já o escravo necessita de um contrário para estabelecer seu próprio valor. Então, na moral do escravo os valores estão no externo, ele diz: “ele é mau, portanto eu sou bom”, na moral do escravo parte-se duma premissa negativa para chegar a uma premissa positiva. O inverso ocorre com a moral do senhor, ele diz: “eu sou bom, portanto ele é mau”. Então, agora parte duma premissa positiva para chegar, por um inevitável contraste, a uma premissa negativa. É neste sentido que se pode verificar como se estabelecem essas duas formulações de moral na filosofia nietzschiana.

Precisamente o oposto do que sucede com o nobre, que primeiro e espontaneamente, de dentro de si, concebe a noção básica de “bom”, e a partir dela cria para si uma representação de “ruim”. Este “ruim” de origem nobre e aquele “mau” que vem do caldeirão do ódio insatisfeito – o primeiro uma criação posterior, secundária, cor complementar; o segundo, o original, o começo, o autêntico *feito* na concepção de uma moral escrava – como são diferentes as palavras “mau” e “ruim”, ambas aparentemente opostas ao mesmo sentido de “bom”: perguntemo-nos quem é propriamente “mau”, no sentido da moral do ressentimento. A resposta, com todo o rigor: *precisamente* o “bom” da outra moral, o nobre, o poderoso, o dominador, apenas pintado de outra cor, interpretado e visto de outro modo pelo olho de veneno do ressentimento².

Nietzsche toma como questão de saúde a força ativa que o homem possui para viver e intensificar a vida, para ele o nobre, o senhor, o aristocrata; estes que possuem privilégio hierárquico, possuem um modo de existência que está sempre ligado a uma forma de saúde forte, enquanto o vil, o escravo, o plebeu, são homens do ressentimento, não vivem e nem intensificam a vida, são pobres, baixos e mesquinhos. Vivem obstinados pela vingança, têm sérias dificuldades para digerir as impressões e para esquecer os traços que se solidificam, que se cristalizam na sua consciência. Então, são homens dolorosos, tudo lhes causa sofrimento, estão envolvidos de rancor e veneno, sofrem da doença do ressentimento. Por possuírem um modo de existência fraco, constantemente sentem-se feridos (toda impressão que lhes toca os fere) e não conseguindo vingar-se de imediato visto que na maioria das vezes não possuem força suficiente para tal reação e por isso mesmo precisam de um apelo moral que os justifique enquanto fracos como bons e ponha o forte como mal numa inversão do olhar apreciador, então, esperam cheios de rancor e veneno o momento em que poderão descarregar seu ressentimento e gozar de sua vingança, de seu verdadeiro torpor,

² NIETZSCHE, Friedrich W. *Genealogia da moral*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 31.

seu narcótico, seu entorpecente de onde podem esquecer por um instante sua miséria. Mesmo quando possuem força suficiente para reagir não reagem, preferem sentir-se feridos e articular uma vingança imaginária do que acionar a reação, do que agir para resolver de imediato.

A descarga de afeto é para o sofredor a maior tentativa de alívio, de *entorpecimento*, seu involuntariamente ansiado narcótico para tormentos de qualquer espécie. Unicamente nisto, segundo minha suposição, se há de encontrar a verdadeira causa fisiológica do ressentimento, da vingança e quejandos, ou seja, em um desejo de *entorpecimento da dor através do afeto*³.

Nietzsche concebe a faculdade do esquecimento como uma força ativa, um sinal de saúde, uma forma de saúde forte, diferentemente de como pensavam os psicólogos contemporâneos dele, que tinham essa faculdade como uma força inercial, simplesmente passiva e sintoma de debilidade psíquica. O esquecimento é um tratamento do corpo e da alma, necessário para sustentar uma determinada "ordem psíquica". O homem do ressentimento tem uma debilidade nessa área, tem esse aparelho inibidor danificado, é um homem obstruído, rancoroso, inerte, estancado, preso ao passado, refém das lembranças, portanto, tem sérias dificuldades com a transmutação das impressões, enfim, são homens portadores de uma doença, são doentes no sentido mais amplo. Análogo a um dispéptico, nunca concluem nada. Possuem uma debilidade intestinal, ou seja, sofrem de uma má digestão. Esquecer para Nietzsche não é simplesmente destruir a impressão, é transmutá-la em alimento, fazer uma digestão e assim tornar o homem mais forte.

Esquecer não é uma simples *vis inertiae* [força inercial], como crêem os superficiais, mas uma força inibidora ativa, positiva no mais rigoroso sentido, graças à qual o que é por nós experimentado, vivenciado, em nós acolhido, não penetra mais em nossa consciência, no estado de digestão (ao qual poderíamos chamar "assimilação psíquica"). Do que todo o multiforme processo da nossa nutrição corporal ou "assimilação física"⁴.

Pode-se dizer que o ressentimento é um certo deslocamento das forças reativas, deste modo, Deleuze define como o primeiro aspecto do ressentimento na perspectiva nietzschiana, o aspecto topológico. Deleuze diz que no ressentimento acontece uma invasão dos traços mnêmicos na consciência, uma subida da memória para dentro da própria consciência. Então, esse deslocamento das forças reativas obstruem o fluído e a renovação da consciência, assim, o ressentimento é visto como uma forma doente de existir. O homem do ressentimento possui uma memória prodigiosa e esta memória está intimamente ligada com seu espírito de vingança. Então, não conseguindo livrar-se dos traços mnêmicos que estão em sua consciência e impelido por sua

³ NIETZSCHE, Friedrich W. *Genealogia da moral*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 116.

⁴ NIETZSCHE, Friedrich W. *Genealogia da moral*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 47.

impotência, tem na vingança imaginária sua justiça e sua satisfação. O homem do ressentimento é um homem passivo, ou seja, nele a reação não é acionada, ao invés, é sentida (passivo aqui não é o contrário de ativo, isso seria reativo. Passivo aqui é aquele cujas reações não são acionadas). Entretanto, isso não significa que ele seja inofensivo e que sua vingança não se realize.

O esquecimento como força inibidora ativa, impede que os traços mnêmicos invadam e tomem a consciência, disto resulta: leveza, paz, liberdade e habilidade para criar e vivenciar o novo. Na criação onde atua uma força plástica, modeladora, ativa, uma vontade de potência afirmativa, plena de si, está uma expressão de autonomia, de ingenuidade, de inocência, de franqueza própria da criança de que fala Nietzsche em *Assim falou Zaratustra*. A criança é esquecimento, espontânea, ingênua e autêntica. Não tem ressentimentos nem preconceitos morais. Não sofre do passado e supera a si mesma a cada momento. A criança sempre diz sim para a vida, ela afirma a vida e a intensifica, ela é uma criação que cria (é autônoma), ela é a única que cria novos valores, ela é artista, ela é o novo.

Inocência é a criança, e esquecimento, um novo começo, um jogo, uma roda a girar por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim. Sim, para o jogo da criação, meus irmãos, é preciso um sagrado dizer-sim: o espírito quer agora sua vontade, o perdido para o mundo conquista seu mundo⁵.

O homem cuja faculdade do esquecimento é ativa, e para o qual essa atividade é livre, é visto como um perigo para o convívio social, pelo motivo de sua singularidade ferir a segurança da equidade que a coletividade exige, o instinto de rebanho está presente entre os membros dessa coletividade, e esse homem gregário que encontra como subterfúgio a massa, a virtude, e o apelo moral, supõe a vingança como justiça e aplica a moral como um dos meios para realização de sua vingança.

O que levou o homem que pode esquecer de ficar marcado pelo passado foram excessos de crueldade praticados em todos os períodos da história da humanidade, que foram pouco a pouco domesticando o animal "homem", então, justamente na crueldade dos castigos mais perversos que se pode imaginar, está o mecanismo que pôde criar no homem uma memória e daí chegou-se à razão. Tão louvada e motivo de orgulho, está entranhada nesta crueldade e perversidade onde pôde ela mesma florescer. O que Nietzsche enfatiza é a hipocrisia do homem do ressentimento; por exemplo: do judeu, do cristão e do homem moderno, pois, em todas as épocas da história do homem onde se construiu determinações morais para norteá-los, houve grandes suplícios e martírios por

⁵ NIETZSCHE, Friedrich W. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 28.

detrás dessa construção e isso simplesmente é falseado e obscurecido por hipócritas que se utilizam dessa moral para continuar com as práticas de crueldade na vingança revestida de justiça.

“Grava-se algo a fogo, para que fique na memória: apenas o que não cessa de *causar dor* fica na memória” – eis um axioma da mais antiga (e infelizmente mais duradoura) psicologia da terra. Pode-se mesmo dizer que em toda parte onde, na vida de um homem e de um povo, existem ainda solenidade, gravidade, segredo, cores sombrias, *persiste* algo do terror com que outrora se prometia, se empenhava a palavra, se jurava: é o passado, o mais distante, duro, profundo passado, que nos alcança e que refluí dentro de nós, quando nos tornamos “sérios”. Jamais deixou de haver sangue, martírio e sacrifício, quando o homem sentiu a necessidade de criar em si uma memória⁶.

Já foi visto que o primeiro aspecto do ressentimento é o aspecto topológico, ou seja, quando há um certo deslocamento das forças reativas. O ressentimento é caracterizado por essa mudança de lugar das forças reativas, ou seja, quando os traços mnêmicos invadem a consciência, quando a memória em vez de ficar no inconsciente (profundidade) vai para a consciência (superfície), neste sentido é que se pode falar de uma subida da memória para a consciência.

Somente quando a memória dos traços encarna o espírito de vingança e faz um trabalho de acusação perpétua que o ressentimento toma forma e deste modo torna-se então um tipo, e é justamente isto que compreende o segundo aspecto do ressentimento, ou seja, o segundo aspecto do ressentimento é o aspecto tipológico que é introduzido pelo aspecto topológico, porém, intimamente relacionado com o espírito de vingança no sentido que a memória dos traços encarna o espírito de vingança e só assim é que pode-se dizer que houve um triunfo completo das forças reativas. Enquanto no aspecto topológico (que seria o estado bruto do ressentimento) tudo se passa entre as forças reativas, ou seja, quando as forças reativas se furtam a ação das forças ativas por meio de um determinado desvio, no aspecto tipológico acontece que as forças reativas separam as forças ativas do que elas podem por meio de uma determinada ficção. Esta ficção seria a inversão da relação das forças e dos valores correspondentes desta relação, e isto parte da manifestação das forças reativas e de seu indissociável elemento diferencial, que então provocaria esta projeção reativa, esta projeção de uma imagem invertida. E isto é o que compreende ficção numa perspectiva nietzschiana que também não deixa de ser uma ficção de um mundo suprasensível em oposição com um mundo sensível. O sacerdote é quem daria essa forma ao ressentimento, neste momento especialmente o sacerdote sob sua forma judaica, ele é “o artista” do ressentimento, operando a acusação perpétua, propagando a vingança e invertendo os valores pondo a ficção de um deus em contradição com a vida, como também ao reinterpretar o ressentimento como uma virtude e isto

⁶ NIETZSCHE, Friedrich W. *Genealogia da moral*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 50.

fica bem claro ao examinarmos as formas e os métodos de como trabalham os sacerdotes nos seguintes discursos: felizes são os pobres, felizes são os doentes, felizes são os fracos, felizes são os cansados, felizes são os impotentes, felizes são aqueles que esperam e coisas do tipo que são próprio do modo de ser vingativo, e neste sentido atacam tudo que se opõe a este modo de existência miserável, ocorre o que já foi anteriormente exposto nesta presente pesquisa como a inversão do olhar apreciador do homem do ressentimento, que contrapõe toda riqueza, saúde, força, coragem, potência, ação, beleza, alegria dentre outros tantos atributos nobres e dotam os possuidores de tais atributos como os causadores, os culpados de todas suas mazelas e suas misérias que tanto causam dor e sofrimento. Vitimização é a procura incessante por culpados pelo seu mal-estar, essa é a reação típica daquele que deprecia todo e qualquer afeto, excitação ou impressão que o atinge, pois considera-os como algo ameaçadores demais para ele.

Entre eles não falta igualmente a mais nojenta espécie de vaidosos, os monstros de mendacidade que buscam aparecer como “almas belas” e exibem no mercado, como “pureza do coração”, sua sensualidade estropiada, envolta em versos e outros cueiros: a espécie de onanistas morais e “autogratificadores”. A vontade dos enfermos de representar uma forma qualquer de superioridade, seu instinto para vias esquivas que conduzam a uma tirania sobre os sãos – onde não seria encontrada, essa vontade de poder precisamente dos mais fracos⁷!

Ficou bem claro que o espírito de vingança tem uma relação intrínseca com a memória, que esse modo de ser vingativo necessita e possui uma prodigiosa memória, que esta prodigiosa memória é o principal sintoma do espírito de vingança. Este indivíduo está marcado pelo passado, pois é incapaz de esquecer, não consegue livrar-se dos grilhões que o passado lhe impõe. Este modo de existência vingativo, pelo que já foi mencionado aqui anteriormente, é impotente diante do passado, pois não consegue voltar atrás e mudar o que aconteceu, portanto, tornou-se refém do passado, prisioneiro dele, as lembranças nele doem como feridas abertas que nunca cicatrizam. Ele é um doente neste sentido, pelo fato de ser incapaz de transmutar as impressões ao seu favor, como faz o nobre que se fortalece com suas impressões, utilizando-as como um alimento. Mas o que faz o homem do ressentimento em relação a todos os afetos que o atingem? Ele vitimiza-se, culpabiliza e ataca o objeto de sua vingança.

Para Nietzsche o homem do ressentimento põe sobre a vingança um manto para encobrir sua face, que é muito indelicada e que pode destruir a imagem de homem bom que ele tem a intenção de transmitir para os demais, então, para protegê-lo precisamente disso, encobre a

⁷ NIETZSCHE, Friedrich W. *Genealogia da moral*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 113.

vingança sobre o manto da justiça, tentando deste modo esconder todo o ódio que ele carrega, toda a ânsia de vingança latente neste ser doloroso e julgador que deprecia para se sentir melhor, pois relaciona todo seu atraso a um outro sujeito que pode ser mais forte do que ele, entretanto não é necessário que este sujeito seja mais forte do que ele para que o mesmo seja o objeto de sua vingança, pois nesta perspectiva do homem do ressentimento trata-se de uma impotência qualitativa ou típica, portanto, trata-se de como se relaciona as forças de naturezas diferentes no próprio sujeito (lembrando que são estas forças que o compõem), então, neste sentido observa-se que é irrelevante a quantidade de força abstrata que possa possuir um ou outro: o que está em questão aqui é um tipo que é impotente em si, por não conseguir mais acionar suas reações, por ter um desequilíbrio entre as forças de naturezas diferentes, onde as forças reativas preponderam sobre as forças ativas.

Eles rodam entre nós como censuras vivas, como advertências dirigidas a nós – como se saúde, boa constituição, força, orgulho, sentimento de força fossem em si coisas viciosas as quais um dia se devesse pagar, e pagar amargamente: oh, como eles mesmos estão no fundo dispostos a fazer pagar, como anseiam ser carrascos! Entre eles encontram-se em abundância os vingativos mascarados de juízes, que permanentemente levam na boca, como baba venenosa, a palavra justiça e andam sempre de lábios em bico, prontos a cuspir em todo aquele que não tenha olhar insatisfeito e siga seu caminho de ânimo tranquilo⁸.

O ressentimento pode ser entendido como uma doença no sentido que a consciência e a memória passam por uma disfunção. A consciência que era para estar sempre fresca, renovada para acolher o novo, ou seja, receptiva às excitações presentes, por uma disfunção, é invadida pela memória que fixa as excitações de modo indelével na consciência, isto como já foi visto anteriormente é o primeiro aspecto do ressentimento, o aspecto topológico, já que aqui trata-se de um deslocamento das forças no que tange à função da memória e da consciência, e a partir daí dá-se início a um processo de indigestão crônica. O segundo aspecto do ressentimento é o aspecto tipológico que está relacionado com espírito de vingança e que como já foi visto aqui anteriormente é somente com a encarnação do espírito de vingança que o ressentido se torna um tipo, o tipo fraco, o tipo doente, o tipo escravo.

Um homem forte e bem logrado digere suas vivências (feitos e malfeitos incluídos) como suas refeições, mesmo quando tem de engolir duros bocados. Se não “dá conta” de uma vivência, esta espécie de indigestão é tão fisiológica quanto a outra – e muitas vezes, na verdade, apenas uma consequência da outra⁹.

⁸ NIETZSCHE, Friedrich W. *Genealogia da moral*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 112.

⁹ NIETZSCHE, Friedrich W. *Genealogia da moral*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 119.

Então, o ressentimento é uma doença do tipo fraco que se define a partir dessa condição patológica. Esse tipo não possui condições de agir nem de criar e nisto consiste sua miséria. O tipo fraco, o tipo doente, não transmuta as impressões ao seu favor, não transforma as impressões em alimento para o tornar mais forte, ao invés, acumula as impressões e sofre da sua indigestão, do seu enfezamento crônico. Já o forte, o são, o homem que vingou é aquele que sabe cozinhar o acaso, que sabe transmutar as impressões ao seu favor, que sabe transforma-las em alimento para si mesmo, tornando-se mais forte com elas, fortalecendo-se em sua vivência.

Um homem que vingou faz bem a nossos sentidos: ele é talhado em madeira dura, delicada e cheirosa ao mesmo tempo. Só encontra sabor no que lhe é salutar; seu agrado, seu prazer cessa, onde a medida do salutar é ultrapassada. Inventava meios de cura para injúrias, utiliza acasos ruins em seu proveito; o que não o mata o fortalece. De tudo o que vê, ouve, e vive forma instintivamente sua soma: ele é um princípio seletivo, muito deixa de lado³⁰.

Para Nietzsche, um corpo enfermo é aquele que está desorganizado hierarquicamente, neste caso que estamos tratando é justamente nessa disfunção que passam a consciência e a memória na qual caracteriza o ressentimento como uma doença onde se pode observar uma desarmonia, uma desorganização hierárquica, então, pode-se concluir que no ressentimento o corpo encontra-se hierarquicamente desarmônico, e por isto mesmo este corpo está enfermo. O ressentimento é um influxo, é disfuncional, portanto, consiste aqui em uma forma doente de existir.

Nietzsche na sua obra *Ecce Homo*, que é uma espécie de autobiografia, na primeira parte, intitulada "Por que sou tão sábio", ele esclarece sua própria experiência com a decadência (*décadence*), principalmente sobre os anos que esteve bastante enfermo, que segundo ele foi justamente ali quando sua vitalidade estava mais baixa que ele abandonou o pessimismo e seu instinto de autorrestabelecimento prevaleceu. Segundo Nietzsche, ele sempre soube escolher os devidos remédios para suas enfermidades, enquanto o típico decadente sempre escolheu os remédios que não o curavam e que por sinal agravavam mais ainda sua doença, ou seja, o tornavam mais doente (a terapêutica do sacerdote ascético). Então, com energia para o absoluto isolamento e despreendimento das relações habituais, pelo seu instinto de autorrestabelecimento cura a si mesmo, a condição para isso seria ser no fundo sadio, pois para ele um ser tipicamente mórbido não pode ficar são.

Tomei a mim mesmo em mãos, curei a mim mesmo: a condição para isso – qualquer fisiólogo admitirá – é *ser no fundo sadio*. Um ser tipicamente mórbido não pode ficar são, menos ainda curar-se a si mesmo; para alguém tipicamente são, ao contrário, o estar enfermo pode ser até um enérgico *estimulante* ao viver, ao mais-viver. [...] foi durante os

³⁰ NIETZSCHE, Friedrich W. *Ecce homo*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 23.

anos de minha menor vitalidade que *deixei* de ser um pessimista: o instinto de autorrestabelecimento proibiu-me uma filosofia da pobreza e do desânimo..."¹¹.

Nietzsche também nessa primeira parte do seu livro *Ecce Homo* apresenta o *fatalismo russo* como o único e o grande remédio para o ressentimento. Um fatalismo sem revolta, sem o desgaste desnecessário que supõe as reações do ressentimento, ligadas aos instintos doentes, onde há somente perda de energia e enfraquecimento, uma luta em vão que só leva o homem ao estado de maior enfermidade ou morte, pois, neste sentido, não adianta em nada a revolta, sendo ela desnecessária e prejudicial. No *fatalismo russo* persiste uma prudência, uma lógica prudencial, que determina uma convalescência, uma desativação do desejo de vingança, não permitir que aquilo a que está exposto e vulnerável venha a envenenar. Então, o *fatalismo russo* é uma afirmação do *amor fati* nietzschiano, que é para ele a "fórmula para grandeza no homem" (NITZSCHE, 2008, p. 49), um amor pela vida que se vive, amar o necessário, amar o inevitável, amar o destino.

Estar doente é em si uma forma de ressentimento. – Contra isso o doente tem apenas um grande remédio eu o chamo de *fatalismo russo*, aquele fatalismo sem revolta, com o qual o soldado russo para quem a campanha torna-se muito dura finalmente deita-se na neve. Absolutamente nada mais a si aceitar, acolher, engolir, – não mais reagir absolutamente... [...] Porque nos consumiríamos muito rapidamente se reagíssemos, não reagimos mais: esta é a lógica. E nenhuma chama nos devora tão rapidamente quanto os afetos do ressentimento¹².

Nietzsche enfatiza a urgência de uma renovação cultural, pois, para ele, o mundo há muito tempo transformou-se em um hospital, em um verdadeiro hospício, visto que os doentes reproduzem os valores necessários à preservação do seu modo de ser doente, onde os atributos de fraqueza passam a pautar a cultura, estruturando a conceituação da moral pela posituação dos atributos de fraqueza. Portanto, é necessário a destruição desse hospício para lograr uma sociedade que tenha em suas condições de existência muito mais a favorecer às naturezas fortes e plenas, aos acasos felizes. O modo de transformar esta cultura caduca no sentido que não prioriza os instintos necessários à própria existência e conservação da vida seria no sentido da criação de valores novos, na transvaloração de todos os valores de uma cultura decadente. É importante destacar aqui, sem a intenção de pasteurizar a filosofia de Nietzsche para ser mais acolhida pelo público, que o conceito nobre, no contexto nietzschiano, não está relacionado de fato com classe social (isto serve apenas de imagem para fazer uma analogia na exposição do seu pensamento), assim o nobre é quem digere suas vivências tornando-se mais forte, e com elas segue, criando na sua existência. O nobre é o

¹¹ NIETZSCHE, Friedrich W. *Ecce homo*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 23.

¹² NIETZSCHE, Friedrich W. *Ecce homo*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 28

artista, é a criança, é o são, é o forte, ou seja, quem tem disposições para viver e intensificar a vida, criando valores que promovam a vida. O que se refere a aristocracia aqui é como uma atitude ante a vida e não como privilégio de classe social, raça, cor, sexo, religião, sangue e etc. então, trata-se de como se relacionam as forças de naturezas diferentes no próprio sujeito. Esse privilégio hierárquico não é nascer dentro de uma classe social, é ter privilégio hierárquico psicofisiológico, ser forte o bastante para digerir a vida, tornando-se mais forte com os eventos da vida, cozinhando o acaso.

REFERÊNCIAS:

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*. Tradução de Ruth Joffily Dias e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

KEHL, Maria Rita. *Ressentimento*. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.

MARTON, Scarlett. *Dicionário de Nietzsche*. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich W. *A genealogia da moral*. Tradução de Mário Ferreira dos Santos. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Genealogia da moral*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich W. *A gaia ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Além do bem e do mal*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Ecce homo*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.